

"Nós não pretendemos ampliar as dificuldades do País", diz presidente

O presidente José Sarney disse ontem em Sergipe que prefere amargar a impopularidade a abrir os cofres do governo federal para atender a interesses políticos, pois isso acarretaria danos incalculáveis para o seu sucessor, informa a Agência Globo.

"Não pretendemos ampliar as dificuldades do País; queremos, isto sim, buscar soluções", afirmou, em tom de desabafo dirigido a seus críticos.

Eis os principais trechos do discurso do presidente:

"Um exemplo que eu levo da Presidência da República é que em momento de dificuldades, quando se procura exercer um controle maior sobre o orçamento, os técnicos, talvez porque seja mais fácil, escolhem sempre aquelas áreas onde mais imediatamente é mais fácil obter cortes. E Xingó prossegue no seu ritmo, vai ser concluída dentro dos cronogramas, tenho absoluta certeza. Durante o período do meu governo, nós cumprimos o cronograma que foi estabelecido para Xingó.

Aqui em Alagoas, passamos através do programa do Suds, que é o sistema unificado de saúde, que era do governo federal, que podia muito bem ter sido censurado por isso, que podia estar fazendo a propaganda, que gostam muito de fazer, todos nós, e é muito justo, os políticos, nós, e eu sou um político, mas eu deleguei aos estados, através do Suds, de todos os Suds do Brasil, para que eles empregassem esses recursos transferidos a eles, na saúde pública do povo brasileiro. E lá não aparece o nome do governo Sarney, mas aparece a decisão do presidente de ter abdicado para que pudesse ser feito pelos estados, no Brasil inteiro e nos municípios.

Eu não quero fugir do problema do Produban. Quem são os maiores culpados? São aqueles que se aproveitando, muitas vezes, de facilidades de dirigentes, que não pensam nos funcionários, que querem viver à custa das tetas públicas e do sistema financeiro nacional. E fiz este favor com a maior coragem e determinação. Coisas que me amarguravam intimamente, porque eu sei as repercussões que tinham. Tive que

fechar o Banco de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná, por coisas dessa natureza. Tive que decretar a intervenção no banco do meu estado, o Maranhão. Decretei, estou decretando no banco do Piauí. Decretei no da Bahia, decretei no de Mato Grosso, para que eles fossem saneados e, ao mesmo tempo, para que os próprios funcionários tivessem segurança, porque eles devem fiscalizar essas diretorias do banco, que trabalham em benefício, contra eles, e muitas vezes contra os interesses deles.

No que se refere às bolsas de valores, quando os empresários que lá estão provocando uma situação dessa natureza, e depois querem colocar para o governo pagar ou para o governo ter a culpa, e o presidente tem que ter muitas vezes a dificuldade de tornar decisões, que não tenho deixado de tomar. Se eu fosse um homem que olhasse a política como politicalha, se eu não tivesse a noção do meu dever de chefe de estado, eu estaria hoje querendo aprovar tudo, fazer todas as benesses, todas as solicitações, abrir os cofres públicos, que eu não tenho nada, para que se pudesse fazer o que quisesse, e deixar aí para o meu sucessor um Brasil muito pior do que eu encontrei, mas eu não farei isso. Prefiro arrostar com a impopularidade, prefiro arrostar com a incompreensão, com a calúnia ou com a infâmia. Mas, em nenhum momento, eu me chocarei com a minha consciência. E meu dever entregar o Brasil num momento difícil. E eu tenho procurado estar à altura desse momento difícil.

Esse era um país governado pela velhice e só pela velhice, sem nenhuma influência da voz do povo. E, no governo do Sarney, estas faixas se abriram de tal modo que ele é considerado um governo fraco, justamente porque dá voz aos trabalhadores, porque não reprime, porque não agride, porque não responde.

Finalmente, a minha palavra de confiança, porque todo esse sacrifício não seria possível se não tivéssemos a certeza de que este é um grande país, que vencerá todas as suas dificuldades."